

Boletim da MEMÓRIA

Ano II

Piraquara, 24 de Abril de 2024

2ª Quinzena

Nº 21

História

Brasil terra indígena

Por Sarah Valente

Desde a invasão, os povos originários perderam seus territórios e têm seus direitos violados, mesmo quando o Estado afirma proteger sua população. Portanto, a importância da demarcação das terras indígenas é inquestionável para a garantia de direito e de manutenção de seus costumes. Apesar de ser a melhor ferramenta que possuímos até agora em relação a terras indígenas, é de longe uma forma tradicional da vivência dessas comunidades. A ideia de aldeia, delimitação do espaço e várias outras categorias que são fruto do pensamento colonial, não são reconhecidas pelos indígenas, e muitas vezes vão contra algumas das formas tradicionais de viver que esses povos possuem desde muito antes da chegada do invasor europeu. Por isso, para pensarmos essa questão, precisamos nos desvencilhar desse pensamento hegemônico criado pelo homem branco, para então começar a compreender as questões indígenas através da própria ótica originária.

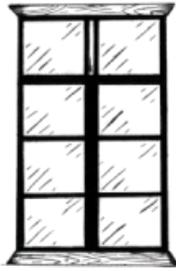
Para os Guarani, o território não é um espaço imóvel, fixo ou que é delimitado pelo Estado. Um espaço

demarcado criado pelo colonizador foi uma das formas de controle desenvolvido pelos aparatos do homem branco para conter as populações originárias e até mesmo minar suas formas de resistência. Segundo Eloy Jacintho, Guarani Nhandewa, morador de Piraquara: “Quando você fala no descobrimento, não existe descobrimento, quando você fala em aldeia, que aldeia? Eu me reconheço em um território Guarani, que transcende os espaços geográficos criados pós colonização¹.”

Assim como para os Guarani, para os Kaingang, a ideia de território não é algo fixo, sendo parte da tradição o deslocamento entre comunidades. Eles possuem mobilidade ao longo do território, por meio de acampamentos provisórios “wãre”, mas também aldeias fixas, denominadas “emã²”. Nesses espaços procuram recuperar a mata nativa e o equilíbrio do meio ambiente, ao

¹CARVALHO, Cora, *Nhandereko: o modo de vida que deve mudar a Floresta Estadual Metropolitana em Piraquara*. Brasil de Fato. Curitiba, 23/09/2021. Disponível em: <<https://www.brasildefatopr.com.br/2021/09/23/nhandereko-o-modo-de-vida-que-deve-mudar-a-floresta-estadual-metropolitana-em-piraquara>> Acesso em 12/04/2024.

² SEHN DA SILVA, J. B.; DA SILVA LAROQUE, L. F. A história dos Kaingang da Terra Indígena Linha Glória, Estrela, Rio Grande do Sul/Brasil: Sentidos de sua (re)territorialidade. IN: *Sociedade & Natureza*, v. 24, n. 3, 2012. p. 444.



reflorestar com araucárias e outras espécies nativas toda a terra que ocupam.

Acervo

Os saberes dos animais Guarani

Por Thays Oliveira

A inclusão da imaterialidade enquanto patrimônio cultural brasileiro, pelo artigo 216 da Constituição de 1988³, reconhece também os elementos imateriais que compõem a identidade cultural e a memória de grupos sociais presentes em suas práticas e expressões na vida social, manifestando-se em suas tradições, saberes, modos de fazer e celebrações.

Os animais entalhados em madeira são parte de uma tradição valiosa para os Guarani, transmitida de uma geração para outra a partir dos saberes de seus mais velhos. A técnica de entalhar e pirografar⁴ as esculturas em madeira geralmente são designadas aos homens, enquanto as mulheres ficam responsáveis em cuidar de outras formas de artesanato, como a

cestaria⁵. O acervo exposto na mostra Hokrhã, conta com sete esculturas de animais entalhados em madeira, sendo eles a Onça, Jaguaritica, Serpente e Tatu - produzidos pelos Guarani da Ilha de Superagui, nos anos 90 -, Onça e Coruja - produzidos na aldeia Tekoa Takuaty, na Ilha da Cotinga -, e o Jacaré Guarani -, feito pelo filho de sete anos do Cacique Digaí.

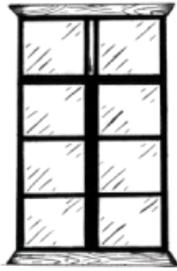
Desde muito cedo esses conhecimentos são transmitidos aos mais jovens, e cada artesanato de madeira feito em forma de animal tem seu próprio significado, o seu valor, sua história e sabedoria. Por exemplo, tanto o tatu quanto a tartaruga possuem partes do corpo usados na medicina tradicional Guarani⁶. Os brinquedos que simbolizam estes animais são usados como ferramenta para ensinar as crianças sobre a importância desses animais na medicina tradicional. Essas esculturas possuem um imenso valor cultural, pois além de

³ BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.html. Acesso em: 10/04/2024

⁴ Decoração em madeira ou outros materiais com marcas causadas por queimaduras controladas provocadas pela aplicação de um objeto aquecido - técnica conhecida como pirogravura.

⁵ GONÇALVES, A. Mba' Erei Eri Ra Anga: As esculturas de madeira e seus aprendizados. Monografia(Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: http://licenciaturaindigena.ufsc.br/files/2015/07/A-delino-Gon%C3%A7alves_REVISADO.pdf

⁶ *Ibid*, p.8.



Boletim da MEMÓRIA

Ano II

Piraquara, 24 de Abril de 2024

2ª Quinzena

Nº 21

preservar a técnica ao longo das gerações, elas têm o papel de educar os mais novos sobre diversos temas.



Animais em madeira em exposição na mostra Hokrhã. Acervo: Moradores de Piraquara.

Acervo

Quadros com Grafismos

Por Lucas Hernandes

O grafismo faz parte do amplo quadro de conhecimentos indígenas que além de lidar com uma beleza artística, tem a função de reproduzir os saberes que são passados de geração em geração, não se encaixando nas convenções comuns de arte. O grafismo consiste em observar e aprender com a natureza, pois segundo Silva⁷

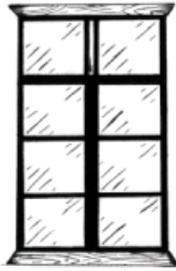
⁷ SILVA, Alexandrina da. **O Grafismo e Significado do Artesanato da Comunidade Guarani da Linha Gengibre**. Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para obtenção do título de Licenciado do curso de Licenciatura Indígena Intercultural do Sul da Mata Atlântica do Centro de Filosofia e Ciências

Todos os artesanatos e os desenhos impressos é o resultado da observação, isso acontece, não só com os Guarani, mas acredito com outras etnias indígenas. Porém com visões de mundo diferentes. A natureza nos ensina a trançar, a tecer, modelar e a utilizar diversos materiais. É com ela, que aprendemos a respeitar tudo antes de usufruir: o tempo, o espaço e a forma mais adequada, de manusear para que elas não terminem. Aprendemos nos adaptar e transformar o que a natureza nos oferece às necessidades do ser humano.



Camiseta e quadro com grafismos em exposição na mostra Hokrhã. Acervo: Território Sagrado Indígena Floresta Metropolitana.

Humanas, Departamento de História da UFSC. Florianópolis. 31 páginas. 2015.



Boletim da MEMÓRIA

Ano II

Piraquara, 24 de Abril de 2024

2ª Quinzena

Nº 21

Os quadros com grafismo presentes na exposição Hokhrã, que se encontra na Casa da Memória, foram produzidos a partir da oficina conduzida pelo grupo Viagem da Gravura ao Graffiti junto a comunidade do Território Sagrado Indígena Floresta Estadual Metropolitana através de diversos encontros. Os quadros pintados com grafismos de origem Kaingang, Tukano e Guarani contêm significados como: “Pira`i” que significa peixes, e “YY” que significa água. Estes encontros também trabalharam com a serigrafia e produção de estampas para camisetas. O projeto artístico Viagem da Gravura ao Graffiti idealizado por Felipe Pacheco Brüschr e aprovado pelo PROFICE⁸ atuou nos municípios de Piraquara e Almirante Tamandaré. Em Piraquara o projeto aconteceu na praça CEU e no Território Sagrado Indígena Floresta Estadual Metropolitana, sendo o único território indígena em que o projeto atuou.

⁸ Programa de Fomento e Incentivo à Cultura Estadual. Secretaria da Cultura, 2022. Disponível em: <https://www.cultura.pr.gov.br/PROFICE/Pagina/PROFICE#:~:text=O%20PROFICE%20C3%A9%20o%20Programa,e%20a%20cultura%20no%20Estado.>

Acervo

Cestarias Kaingang e Guarani

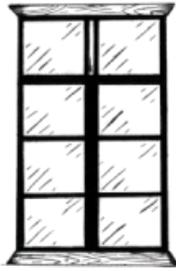
Por Vitor Vitorino

As cestarias que estão em exposição na Casa da Memória foram produzidas pelas etnias Kaingang, com grafismos Kamé e Kairu, e Guarani M’bya que tradicionalmente viviam na região de Piraquara.

A cestaria para os povos indígenas possui uma multiplicidade de significados, contendo valores espirituais, afirmação de identidade e utilização em rituais. O balaio e seus diferentes tipos de trançados e grafismos dirão seu significado e sua utilidade, como a cura de parentes ou ao apresentá-los em visitas às suas localidades por outros parentes que vieram de longe.⁹

De geração em geração, é contado aos jovens que as cestas estavam presentes na criação do homem por conter os elementos que ajudariam em seus cotidianos, por exemplo: as cestarias eram utilizadas no transporte das sementes no dia a dia, quando iam viajar, as sementes

⁹SILVA, Alexandrina da. **O grafismos e significados do artesanato da comunidade Guarani da linha linha gengibre: Desenhos na cestaria.** 2015. 31 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.



Boletim da MEMÓRIA

Ano II

Piraquara, 24 de Abril de 2024

2ª Quinzena

Nº 21

eram trasladadas, e ao longo do trajeto arremessadas ao solo para fornecer futuros alimentos aos viajantes que ali passariam, como afirmar Isabel Tukana¹⁰. As cestas também eram utilizadas para carregar as crianças pequenas, em viagens de longas distâncias.



Cestaria Kaingang com grafismos em exposição na mostra Hokrhã. Acervo: Isabel Tukana.

¹⁰Informações retiradas de entrevista concedida por Isabel Tukana, da mostra “Hokrhã”. Realizada em 15 de julho de 2022. Acervo: Casa da Memória.

Editorial

Apresentação:

O Projeto Boletim da Memória

Por Editorial

O Boletim da Memória é um projeto da Casa da Memória, que tem por objetivo informar sobre a documentação em relação ao município de Piraquara. O boletim também traz informações que tratam do trabalho com o acervo, utilizando de metodologias diversas, principalmente história oral, revisão bibliográfica, texto museológico, etc.

Ficha Técnica

Prefeito Municipal de Piraquara

Josimar Aparecido Knupp Fróes

Secretária de Cultura, Esporte e lazer

Ana Elizabete Mazon de Souza Tesserolli

Casa da Memória Manuel Alves Pereira

Coordenadora

Regina Almeida

Historiadora

Sarah Valente

Redação e edição

Lucas Hernandes, Thays Oliveira, Sarah Valente,

Vitor Vitorino

Projeto gráfico

Sarah Valente e Natan José da Silva

Revisão

Regina Almeida